

BECOS DA MEMÓRIA E OS PERCURSOS DO RELATO TESTEMUNHAL DE MARIA-NOVA

BECOS DA MEMÓRIA AND THE PATHS OF MARIA-NOVA'S TESTIMONIAL REPORT

Weslei Roberto Candido¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir o percurso fragmentário do discurso memorialístico e testemunhal em *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo. Na narrativa, Maria-Nova, menina que habita uma favela em processo de desfavelamento, percorre os becos recolhendo as memórias dos adultos e guardando-as para si. Em um processo de sofrimento, porque a menina gostava daquelas histórias mais tristes e, também, porque trazia dentro de si uma tristeza que não sabia explicar, ela vai tecendo uma colcha de retalhos com as memórias dos habitantes da favela. Como afirma Maurice Halbwachs (2003), nenhuma memória é totalmente individual, mas fruto de uma coletividade. Deste modo, as memórias recolhidas por Maria-Nova compõem um mosaico com as vidas individuais dos moradores da favela, alçando as narrativas ao registro de uma coletividade. Maria-Nova é colocada como testemunha do dismantelamento da favela onde habita. Testemunha-se um excesso de realidade (SELIGMANN-SILVA, 2003), que se plasma no discurso memorial de Maria-Nova sob o impacto do desaparecimento da favela. Portanto, é nesta perspectiva do testemunho que o artigo discutirá a memória como preservação do passado, principalmente, daquele passado incômodo, habitado pelos excluídos da sociedade, que ganham voz dentro da obra de Conceição Evaristo.

Palavras-chave: *Becos da Memória*. Testemunho. Memória. Narrativa. História.

Abstract: This article aims to discuss the fragmentary path of the memorialistic and testimonial discourse in *Becos da Memória* (2017), by Conceição Evaristo. In the narrative, Maria-Nova, a girl who lives in a favela in process of disintegration, walks through the alleys collecting memories of the adults and keeping them for herself. In a process of suffering, because the girl liked those sadder stories and, also, because she had within her a sadness that she couldn't explain, she weaves a patchwork quilt with the memories of the favela's inhabitants. As Maurice Halbwachs (2003) states, no memory is completely individual, but the result of a collectivity. In this way, the memories collected by Maria-Nova compose a mosaic with the individual lives of the favela residents, raising the narratives to the register of a collectivity. Maria-Nova is seen as a witness to the dismantling of the favela where she lives. An excess of reality is witnessed (SELIGMANN-SILVA, 2003), which takes shape in Maria-Nova's memorial discourse under the impact of the favela's disappearance. Therefore, it is from this perspective of testimony that the article will discuss memory as a preservation of the past, especially that uncomfortable past, inhabited by the excluded from society, who gain a voice within the work of Conceição Evaristo.

Keywords: *Becos da Memória*. Testimony. Memory. Narrative. History.

Introdução

¹ Weslei Roberto Candido é Doutor em Letras pela UNESP – Campus Assis, Pós-doutor pela Université Lumière Lyon 2 e professor Associado do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias da UEM – Universidade Estadual de Maringá. Atualmente, é Coordenador Adjunto do Programa de Pós-graduação em Letras da UEM. Também participa do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para descolonização”. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8947-4266>. Email: wrcandido@uem.br.

Como encontrar o caminho do passado? Seu percurso é tortuoso e envolve um esforço de organização por parte de quem o tenta verticalizar em um discurso narrativo coerente para quem o ler ou escutar. Por isso, pode-se afirmar que “o passado é conflituoso” (SARLO, 2007, p. 9). Escreve-se para o outro, para que alguém ouça as histórias do passado e doe nova vida a elas. Portanto, organizar o tempo pretérito é uma forma de torná-lo viável para quem era externo aos acontecimentos.

A memória é um princípio organizativo do passado. Nela se encontram e se chocam realidade e ficção para compor a teia de histórias que ficaram preservadas pelo tempo. Este é um elemento essencial para referendar as recordações à noção de presente. Ao comentar o longo percurso de espera para publicar *Becos da memória*, Conceição Evaristo (2017, s/p) afirma: “Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia. Tenho dito que *Becos da memória* é uma criação que pode ser lida como ficções da memória”.

Memória, testemunho e ficção se mesclam em *Becos da memória*, mostrando que o passado comporta uma dose de ficcionalização. Assim, ao narrar o passado, acrescenta-se a ele também a possibilidade de lidar com a fantasia, pois, ao se preencher as lacunas com o ato narrativo ficcional não se cria uma falsa memória (ASSMANN, 2011). “Escrever *Becos* foi perseguir uma escrevivência” (EVARISTO, 2017, s/p). Neste romance, a autora já deixa entrever o conceito que irá reger toda sua obra: a mistura da escrita com a vivência, da ficção com a realidade a compor um único jogo.

A ficcionalização da memória é uma maneira de lidar com o passado traumático. O trauma ao mesmo tempo que é inenarrável (SELLIGMANN-SILVA, 2003) também exige a narrativa, o enfrentamento com o evento da dor é inevitável. No entanto, a narrativa crua da realidade poderia colocar os fatos ocorridos em dúvida. Ao seu socorro vem a literatura, que salva o passado de seu esquecimento. Assim, *Becos da memória* se estabelece entre a vida de Conceição Evaristo e a personagem que ela cria para narrar o desaparecimento da favela Maria-Nova permite o tratamento ficcional da infância da autora, sendo seu testemunho fundamental para a preservação das vozes daquele espaço em vias de apagamento.

Assim, escrever sobre o passado é dar a ele uma estabilidade, é deixar de recorrer aos becos da memória viva, para encontrar suas histórias no corpo narrativo de um texto. Aleida

Assmann (2011) comenta que um dos estabilizadores da memória é a verbalização do passado:

É muito mais fácil lembrar-se de algo que tenha sido verbalizado do que algo que nunca tenha sido formulado em linguagem natural. Quando ocorre a verbalização, não nos lembramos mais dos acontecimentos em si, mas da nossa verbalização deles. Os signos linguísticos funcionam como nomes, com os quais objetos e situações podem ser evocados novamente. (ASSMANN, 2011, p. 268)

Deste modo, Conceição Evaristo nomeia o passado e dá voz aos esquecidos da terra, que moravam em uma favela de Belo Horizonte. Bondade, Tião Puxa-Faca, Tio Totó, Vó Rita e outros não caíram no calabouço do esquecimento, graças ao trabalho memorativo de Conceição/Maria-Nova, que recolheram as histórias dos becos, das casas, das ruas da favela, nomeando este mundo desconhecido da população em geral. Conceição não precisa mais recorrer à voz da mãe, que deu o mote da narrativa: “Vó Rita dormia embolada com ela” (2017, s/p), mas sim ao livro que é o resultado final das memórias. Os personagens e os eventos estão eternizados nas páginas de *Becos da memória* via processo de verbalização da autora/narradora do romance.

Portanto, o objetivo deste artigo é discutir como o discurso da memória e do testemunho constroem a narrativa de *Becos da Memória*. Para tanto, a escolha da voz narrativa é fundamental para dar vida ao passado. E é a ela que o próximo tópico se dedicará, pondo à nu o percurso de seleção dessa voz que possa falar por todos os desconhecidos da favela. Sendo que muitos deles não dominam a escrita, a presença de alguém, no romance, que registre os testemunhos é fundamental, pois, é a esta pessoa que será dada a missão de recolher, selecionar e preservar o passado.

A narradora em *Becos da memória*

Encontrar a narradora de *Becos da memória*, de acordo com a autora, foi o trabalho de descobrir “[...] a primeira narração, a que veio antes da escrita” (EVARISTO, 2017, s/p). *Becos* já existia nas memórias da escritora antes mesmo de ser verbalizado, precisava, agora, ganhar formas exatas para transformar-se em uma narrativa. “Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar a minha” (EVARISTO, 2017, s/p). A autora recorre à mãe, dela vem a primeira memória de *Becos*: “Primeiro foi o verbo de minha mãe” (EVARISTO, 2017, s/p). O

percurso da memória vai se construindo, num longo esforço de rememoração. Recordar nunca é fácil, nem é um ato espontâneo. Segundo Beatriz Sarlo:

Vinda não se sabe de onde, a lembrança não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa. A lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável (em todos os sentidos dessa palavra). Poderíamos dizer que o passado *se faz presente*. E a lembrança precisa do presente porque como assinalou Deleuze a respeito de Bergson o tempo *próprio* da lembrança é o presente: isto é, o único tempo *apropriado* para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o *próprio*. (grifos do autor -SARLO, 2007, p. 10)

É essa lembrança presentificada que obriga a autora a buscar uma forma correta de narrar o passado, de lhe dar a forma adequada para sua apresentação. Se o tempo próprio da lembrança é o presente, é nele que se constrói o passado, que se passa a limpo os eventos pretéritos. O passado, porém, pede uma voz que o guie, que dê à lembrança o tom acertado à sua narrativa. Justamente, em busca da voz do tempo pretérito, que Conceição Evaristo cria Maria-Nova:

E como lidar com a memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras. E quem me ajudou nesse engenho? Maria-Nova. (EVARISTO, 2017, s/p)

A autora admite a ficção ao lidar com o passado. É o trabalho ficcional que completa as lacunas do tempo, que preenche os vazios das lembranças, que estão, de acordo com autora, transfiguradas. Quem lembra o passado enfrenta seus vazios, suas lacunas, suas distorções. Desta maneira, ficção e realidade formam o relato narrativo de Maria-Nova. Se nunca é fácil fugir às lembranças, também não é possível recuperá-las sem esforço, trata-se de um trabalho de perseguição. O passado acena e se distancia a cada instante.

Assim, nasce Maria-Nova, um ser híbrido, que carrega consigo a própria autora no tempo de sua infância. Maria-Nova é uma ficção e é uma realidade, ela existe enquanto narradora, mas também enquanto Conceição Evaristo menina. É, segundo a autora, uma charada que o leitor deve desvendar e não lhe causa nenhum constrangimento esse traço de *escrevivência* em seu relato:

Quanto à parecença de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu-menina, deixo a charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que a literatura marcada por

uma *escrevivência* pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange. (EVARISTO, 2017, s/p)

Deste modo, quem lembra é Conceição menina via Maria-Nova. Para quem o mundo ainda é uma novidade, a favela é um universo a ser desvendado, a ser recuperado e preservado. Maria-Nova ajuda a autora neste trabalho de ver com os olhos de menina seu passado longínquo. Como afirmou a autora, é uma literatura marcada pela *escrevivência*, onde se(con)fundem as identidades, Maria-Nova é uma personagem, mas também é Conceição Evaristo, e é esta fusão das duas que narrará a história. E nesta (con)fusão caberá ao leitor desvendar quem fala, obrigando-o a remexer o passado com a narradora, a caminhar pelos becos em busca de respostas.

O eu testemunhal em *Becos da memória*

O mundo da favela é recortado pelos olhos da menina Maria-Nova. É pelo olhar dela e por seus sentimentos que o leitor conhecerá os becos de um lugar em vias de desaparecimento, pois, os moradores do local estão sendo deslocados para outros pontos da cidade por causa de um projeto imobiliário que ocupará o enorme terreno da favela. Portanto, a experiência narrativa de Maria-Nova é um recolher fatos e resíduos para que a favela não desapareça de sua memória. O universo da menina se despedaçava diante de seus olhos e ela nada podia fazer a não ser contar as histórias e preservá-las do esquecimento ao qual, socialmente, estavam delegados os moradores desde o nascimento. Escrever, desta maneira, é uma forma de homenagem aos que partiram:

Escrevo como uma forma de homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos da memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Candido, ao sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin. (EVARISTO, 2017, p. 17)

Neste “desejo dolorido de escrever” (EVARISTO, p. 17), Maria-Nova registra tudo o que está ao seu alcance. Conhecidos e desconhecidos, velhos, crianças e lavadeiras desfilam pela memória da menina. É válido lembrar que Maria-Nova narra um mundo que

desapareceu, é uma homenagem póstuma, portanto, narrada anos depois do desaparecimento da favela e das pessoas que dali se dispersaram por vários pontos da cidade, provavelmente, indo morar em outras favelas. Por isso, escreve-se *Becos da Memória* como homenagem a pessoas que dificilmente seriam lembradas pela sociedade. A condição de marginalização das personagens coloca-as em uma situação de fragilidade muito grande diante do mundo. Elas são salvas do esquecimento pela narrativa de Maria-Nova, que em um exercício de memória registra todos os moradores dos becos.

Narrar é uma forma de viver e de sobreviver à fatalidade do destino, de dar forma à dor que consumia Maria-Nova, sem ela saber bem os motivos de onde vinha aquela dor ancestral. “Quando eu estava para sofrer, para o mistério, buscava a torneira de cima” (EVARISTO, 2017, p. 16). Ali, ouvindo as histórias das lavadeiras e seus sofrimentos, a menina se instalava e consumia toda a dor que podia guardar em seu peito, como se soubesse que um dia caberia a ela narrar os acontecimentos da favela.

Maria-Nova vive com a voz e o corpo a dor que é habitar a favela. Por meio dela, o leitor toma conhecimento da experiência dos dias de uma periferia. Conhece-se personagens que não mudarão o mundo, pois, a simplicidade de suas vidas, muitas vezes, está restrita a servir de mão-de-obra aos ricos que as exploram. Como é o caso de Ditinha, uma empregada doméstica que acaba pegando uma joia da patroa e sofrendo as consequências da cadeia por seu ato impensado. Assim, nesta narrativa quem tem espaço são os excluídos do sistema capitalista. É desta experiência vivida que Maria-Nova tira a matéria de seu testemunho.

Ao comentar a “narração da experiência”, Beatriz Sarlo afirma:

A narração da experiência está unida ao corpo e a à voz, uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no *comum*. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível) mas de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar. (grifo do autor - SARLO, 2007, p. 25)

Maria-Nova/Conceição Evaristo emprestam corpo e voz ao passado, uma vez que presentificam atos e situações que cairiam no esquecimento tão logo ocorressem. O passado é resgatado porque Maria-Nova testemunha, narra e dá uma temporalidade às ações, tirando-as

da normalidade do real. A dor dos moradores da favela se torna comunicável, portanto, comum porque pode ser partilhada com o leitor. A experiência única do testemunho se torna narrável na voz da menina, que tira da mutabilidade personagens excluídos. Maria-Nova testemunha porque presenciou as ações, viu e transformou a experiência em narrativa.

Aquilo que era uma experiência muda para Maria-Nova, que precisou guardar os fatos por anos em sua mente, por meio da narrativa, torna-se comunicável, portanto, no dizer de Sarlo, em algum *comum*, porque é compartilhado com os outros. A força do testemunho de Maria-Nova está na comunicabilidade de seu discurso. Ele resgata do passado as vozes da favela ao inscrever sua experiência de menina na temporalidade da lembrança. A menina lembra e, assim, dá corpo aos desconhecidos que antes habitavam apenas sua mente.

O testemunho preserva o passado do esquecimento. A própria repetibilidade do testemunho ao se concretizar em narrativa firma um compromisso com a verdade, que será dita imediatamente da mesma maneira. Por isso, não se recorre mais àquilo que é anterior ao verbo, o qual a autora buscava no início do romance. Busca-se agora a voz narrativa de Maria-Nova, que assume um compromisso com “homens, mulheres e crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (EVARISTO, 2017, p. 17).

Ao comentar o instante do testemunho, Derrida diz:

No momento em que se é testemunha e no momento em que se atesta, ‘bearing witness’, no instante em que se dá testemunho, é preciso que haja também aí um encadeamento temporal, frases, por exemplo, e sobretudo que essas frases prometam sua própria repetição, e portanto sua própria reprodutibilidade quase técnica. Quando me comprometo a dizer a verdade, comprometo-me a repetir a mesma coisa um instante depois, dois instantes depois, no dia seguinte, e para a eternidade, de certa maneira. Ora, esta repetição leva o instante para fora de si próprio. (DERRIDA, 2004, p. 29)

A questão não pode se limitar ao fato de Conceição Evaristo ter dito que conformou à sua memória elementos fantasiosos para preencher as lacunas do passado. O testemunho de Maria-Nova é único e será repetido *ad aeternum* como a verdade daquela favela que desapareceu. A verdade dela, inscrita no seu corpo e na sua voz, dá vida aos personagens do romance. É sobre estas vidas que se falará, que se recordará, que se dará o testemunho, pois, este é o compromisso com a voz testemunhal: ela será repetida anos depois da mesma maneira que como foi pronunciada na origem do testemunho.

Maria-Nova testemunha porque ela esteve presente, ela viu os fatos, viu o desaparecimento da favela, que se desfez aos poucos diante de seus olhos. A narradora testemunha sobre aquilo que ela presenciou, porque outro não poderia dar o mesmo testemunho, pois, este é dado por alguém que viveu e presenciou um evento. A menina é insubstituível, por esse motivo, Conceição Evaristo procurava a voz ideal para seu romance. Não poderia ser a autora mulher a narrar, tinha de ser Conceição menina a contar as histórias da favela. Ela empresta sua escrita ao tempo do testemunho, uma vez que só a menina, com seus olhos poderia recriar os becos.

E quem testemunha diz eu. Esta voz narrativa, típica dos testemunhos oscila dentro do romance. A narradora permite que os personagens lhe contem suas histórias. Ela sabe que precisa guardá-las consigo para o tempo exato da narratividade, quando somente Maria-Nova poderá falar por seus mortos e ela, então, testemunhará o mundo que desapareceu. É neste movimento entre a voz de Maria-Nova e a dos personagens de *Becos da memória*, que o testemunho vai se construindo. A narradora pode testemunhar porque ela ouviu as histórias, porque ela é a única que pode colocar no campo da escrita as vozes que desapareceram no tempo.

Na verdade, o jogo entre o real e o ficcional é necessário para compor o testemunho. A impossibilidade de narrar um trauma e, ao mesmo tempo, a sua necessidade apelam ao testemunho daquele que sobreviveu para narrar o passado. A ficção ajuda a ler o real e a interpretá-lo. “A verdade é que esse limite entre ficção e ‘realidade’ não pode ser delimitado. E o testemunho justamente quer resgatar o que existe de mais terrível no ‘real’ para apresentá-lo. Mesmo que para isso ele precise da literatura” (grifos do autor - SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 375).

Aquele que diz “eu” assume para si a responsabilidade com o testemunho, pois este “eu” é insubstituível no ato de narrar o passado; ele presenciou, viu, vivenciou os acontecimentos. Neste sentido, Maria-Nova, como máscara literária de Conceição Evaristo, é insubstituível no relato sobre o desaparecimento da favela. Ela também é uma sobrevivente. Em uma realidade social na qual a maioria das crianças não atinge a fase adulta, a menina Maria-Nova sobrevive ao holocausto diário de milhares de crianças negras da favela, para emergir por meio de seu testemunho, apresentando a vida das personagens de *Becos da Memória*.

É em uma aula de história sobre a escravidão que Maria-Nova desperta para a necessidade de testemunhar sobre a vida dos negros, daqueles que habitam a favela da qual ela faz parte:

Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente. (EVARISTO, 2017, p.150-151)

Intimidada diante da turma, Maria-Nova resolve, em seu silêncio, um dia contar toda aquela história sobre escravidão, que para ela ainda não acabou, que não é como está nos livros, mas sim, uma história que ela carrega em seu corpo. O testemunho da menina está gravado no corpo e na mente e, por isso, ela está habilitada a contar sua história, que se confunde com a história da favela e das pessoas que nela habitam. Maria-Nova ouve histórias todos os dias, presencia a pobreza e a violência da periferia. Nela, há histórias de lavadeiras, de empregadas domésticas, de putas, malandros, pais que abusam sexualmente das filhas, homens e mulheres negros que estão mais perdidos agora com o processo de desfavelamento. É o desaparecimento de um mundo que Maria-Nova testemunha.

Assim como o trabalho de Penélope, que tecia e destecia a mortalha para seu sogro, Maria-Nova vai tecendo as histórias de *Becos*. Uma verdadeira colcha de retalhos, em que a voz da menina dá espaço para as vozes de Tio Totó, Maria-Velha, Bondade, Catarino e outros personagens em via de desaparecimento, seja no tempo, seja no espaço. Maria-Nova oferta, por meio de sua narrativa, um túmulo, uma lápide aos desconhecidos da favela, erige para eles um monumento narrativo que lhes dá identidade por pertencerem ao mesmo núcleo social, que é a favela que se esfacela a cada dia, sem forças para resistir ao progresso urbano.

As vozes em *Becos da Memória*

Várias são as vozes de *Becos da Memória* e todas são registradas por Maria-Nova, que recolhe os testemunhos das vidas comuns da favela. Aqui, ao contrário do que possa parecer, também se tem testemunho, pois além de Maria-Nova presenciar os fatos e ficar no local até seu total desaparecimento, ela empresta seus ouvidos às vozes de pessoas comuns. Jeanne

Marie Gagnebin (2004) amplia o conceito de testemunha para não somente aquele que presenciou, mas aquele que ficou e suportou ouvir as histórias dos sobreviventes:

[...] a testemunha não seria somente aquela que viu com os próprios olhos, o *histor* de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha seria também aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras *revezem* a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida a pesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas ousar a esboçar uma outra história, a inventar o presente. (grifos do autor - GAGNEBIN, 2004, p. 91)

Assim, seguindo o raciocínio da autora, pode-se afirmar que mesmo quando apenas ouve, quando somente recolhe as histórias e não diz “eu”, mas deixa que a voz do outro sobressaia, Maria-Nova ainda é testemunha, pois, ouve a “narração insuportável do outro”, deixando que suas palavras revezem a história e componham, de certo modo, o seu mundo sensível. O discurso de Maria-Nova se insere nessa transmissão simbólica que comenta Jeanne Marie. Os mais velhos transmitem suas experiências de vida para a menina, que guarda as histórias e, agora, no tempo da vida adulta, portanto no presente, rememora cada vida que habitou a favela. O processo de recolher as histórias respeita esse percurso de vida, do mais velho para o mais novo, para aquele que pode levar adiante as memórias para o tempo futuro, quando a narração será possível e olhar o passado será uma experiência menos dolorosa, pois foi tratada pelo tempo da maturação das histórias herdadas.

É desta maneira que Maria-Nova empresta seus ouvidos e sua escrita a Tio Totó, um sobrevivente da época da escravidão no Brasil. A menina permite que o relato de Tio Totó flua, que a conduza por sua dor de ter perdido mulher e filha na travessia do rio ao deixar a fazenda dos antigos senhores.

É, Miquilina, se agarra à menina Catita, eu me agarro aos trapos. Santa Bárbara há de nos ajudar.
O rio, a cheia, o vazio da barca improvisada, o turbilhão, a vida, a morte, tudo indo de roldão.
Totó alcançou só a outra banda do rio. Uma banda de sua vida havia ficado do lado de lá. (EVARISTO, 2017, p. 21)

Tio Totó relembra o episódio de sua primeira diáspora agora que está velho e não quer mais sair da favela que achou para morar. “Meu corpo pede terra. Cova, lugar de minha derradeira mudança” (EVARISTO, 2017, p. 18). Na favela constituiu sua terceira família,

conheceu Maria-Velha e estava se preparando para morrer, pois acreditava já ter mudado demais. Ele e Maria-Velha trocavam dores, histórias tristes e se uniam cada dia mais em suas tristezas. “Maria-Velha e tio Totó ficavam trocando histórias, permutando pedras da coleção” (EVARISTO, 2017, p. 30). Ter de mudar novamente não estava nos planos de Tio Totó. No entanto, a favela se desfazia e dava espaço ao empreendimento imobiliário. A narrativa de Tio Totó é cheia de tristezas, episódios que marcaram a fundo seu espírito e que, agora, ao final da vida ele sente necessidade de compartilhar. Maria-Nova como uma boa ouvinte, sempre atenta às histórias mais tristes, guarda consigo os fragmentos daquela vida de desventuras.

Maria-Nova também empresta sua escrita para os loucos, para aqueles que não podem falar por si. Cidinha-Cidoca é uma moça que enlouqueceu e se deita com todos os homens da favela. A louca mansa que ganhou fama de “Cidinha-Cidoca-rabo-de-ouro” encanta os homens com seu corpo e com a maneira como se diverte com eles. Alguns homens de outras favelas até quiseram levá-la embora, mas ela nunca deixou o local. A menina também registra essa personalidade da favela, recolhendo as histórias mínimas que compõem o todo daquele universo da periferia. Ela é o “narrador sucateiro” para utilizar uma expressão que Jeanne Marie Gagnebin (2004) recolheu em Walter Benjamin:

Esse narrador sucateiro (o historiador também é um *Lumpensammler*) não tem por alvo recolher os grandes feitos. Deve muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não saiba o que fazer. (GAGNEBIN, 2004, p. 88)

Os moradores da favela, os excluídos do mundo, com quem muitas vezes a história oficial não se preocupa nem sabe o que fazer, são o alvo de Maria-Nova. Seu registro age como o trabalho do sucateiro conforme aponta Gagnebin, recolhendo destroços e os fragmentos de uma sociedade capitalista que não olha para seus desvalidos. Por meio deste trabalho de recolher fragmentos de vidas, a narradora vai construindo a história de *Becos*, que, na verdade, são várias narrativas díspares que compõem a vida na favela. O trauma do desfavelamento está muito presente em cada pequena história, pois todos são afetados pela possibilidade de mais uma diáspora para um mundo desconhecido na selva urbana. Provavelmente, mais um lugar à margem da sociedade, que tanto quer que eles sejam esquecidos. Neste sentido, o trabalho de Maria-Nova é fundamental para a preservação da memória dos desvalidos deste mundo capitalista. Ela recolhe, por meio de suas narrativas,

fragmentos de vidas que parecem não ter nenhuma importância para a sociedade nem para a história oficial.

A memória, deste modo, faz seu trabalho de perlaboração, resistindo ao esquecimento. Os personagens de *Becos da memória* desafiam o tempo e a história oficial, pois permanecem no relato de Maria-Nova. Por meio da narrativa dos destroços da favela, cada personagem vai ganhando individualidade e tendo sua história registrada, assim, não estarão mais esquecidos, mas, sairão dos becos para compor um mundo à margem da sociedade. Pode-se afirmar que a narradora faz um trabalho de recentramento dessas vidas, colocando-as no centro da narrativa, dando a devida importância a suas vidas ao fazê-las habitar o protagonismo do romance.

Maria-Nova tem, de acordo com a narradora, quem nem sempre coincide com a menina, um senso de futuro, de herança, de que caberia a ela contar as histórias daquelas pessoas da favela. Ela seria a portadora das histórias, a menina memória que preservaria em sua mente as vidas que um dia não existiriam mais:

As tardes na favela costumavam ser amenas. Da janela de seu quarto caiado de branco, Maria-Nova contemplava o pôr do sol. Era muito bonito. Tudo tomava um tom avermelhado. A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e histórias que ouvia. (EVARISTO, 2017, p. 31-32)

Assim como antigamente havia os “homens memória” (LE GOFF, 2013), responsáveis por preservar a história de suas tribos, no romance de Conceição Evaristo há a menina memória; cabe a Maria-Nova preservar a história de sua infância e de seu povo. Por isso, a menina coleciona histórias, principalmente as tristes, pois, desde cedo, desenvolvera um gosto pelas histórias que a faziam sofrer. Maria-Nova é a máscara literária de Conceição Evaristo. Por meio de sua personagem, a autora passa a limpo a história da favela onde morou. O jogo literário, que apela ao ficcional, é somente uma estratégia narrativa para lidar com o passado traumático. Maria-Nova carrega sobre si, quase como uma forma de purgar a dor, a vida de todas as pessoas que fizeram parte de seu primeiro universo: a favela.

Deste modo, a autora/narradora, na pessoa de Maria-Nova, luta contra o esquecimento, contra os apagamentos que a sociedade impõe sobre as classes menos favorecidas. *Becos da memória* desafia o tempo e preserva a memória de muitas pessoas desconhecidas. Escrever é

uma forma de resistência ao apagamento dos indesejados. Sobre este tema, Paolo Rossi afirma:

Apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade. Com frequência se pretendeu impedir que as ideias circulem e se afirmem, desejou-se (e se deseja) limitar, fazer calar, direcionar para o silêncio e o olvido. (ROSSI, 2010, p. 32)

Assim, a autora retoma seu passado, tirando dos becos da favela as personagens que seriam caladas ou ocultadas pela própria estrutura do espaço urbano que habitavam. É preciso desencavar dos becos as personagens e suas vidas, para que permaneçam na memória da coletividade. “Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como” (EVARISTO, 2017, p. 37). Portanto, *Becos da memória* é um libelo contra o esquecimento, contra o apagamento deliberado e consciente de uma população excluída pela sociedade. Se apagar tem a ver com “esconder, ocultar, despistar”, o romance atira à face da sociedade os indesejados do mundo, colocando-os em evidência, fazendo com que os privilegiados olhem para além de seus muros de proteção.

Para contar essas histórias, Maria-Nova, como já mencionado anteriormente, dá voz aos habitantes da favela. O romance não tem capítulos, somente fragmentos, que, às vezes, começam com o nome das personagens. É o caso de uma das narrativas dedicadas a Bondade, que conhecia cada barraco, cada beco da favela, cada história, pois ele também é um coletor de histórias, que tem o prazer de compartilhá-las com a menina:

Bondade conhecia todas as misérias e grandezas da favela. Ele sabia que há pobres que são capazes de dividir, de dar o pouco que têm e que há pobres mais egoístas em suas misérias do que rico na fartura deles. Ele conhecia cada barraco, cada habitante. Com jeito ele acabava entrando no coração de todos. E, quando se dava fê, já se tinha contado tudo ao Bondade. Era impressionante como, sem perguntar nada, ele acabava participando do segredo de todos. (EVARISTO, 2017, p. 35)

Esse homem que conhecia cada barraco, cada beco, cada habitante da favela divide suas histórias com Maria-Nova e, assim, as memórias da favela são perpetuadas. O mais velho passa para o mais novo, que irá carregar consigo todas as histórias do local. Maria-Nova é curiosa, adora ouvir as conversas. Nela os mais velhos encontram audição para suas dores e

narram como se a menina que está ali diante deles pudesse guardar tanta dor, até um dia poder dividi-la com outras pessoas.

A recorrência a outras vozes é uma forma de reforçar o testemunho de Maria-Nova. Por meio dos vários habitantes da favela, a personagem preserva não somente sua memória, mas a de todos os moradores daquele local. Como afirma Halbwachs (2003, p. 29): “Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação [...]”. Maria-Nova não pode confiar apenas em sua memória, no seu testemunho, mas precisa concertar sua voz com as outras vozes da favela para compor o ambiente que estava desaparecendo: “Os tratores da firma construtora estavam cavando, arando a ponta norte da favela. Ali a poeira se tornava maior e as angústias também” (EVARISTO, 2017, p. 71). É em meio a esse clima de angústias que Maria-Nova recolhe cada história que comporá seu testemunho anos depois. O testemunho da personagem traz vida e recria o ambiente da favela no seu discurso memorialístico. Os becos nascem e se desfazem diante dos olhos da menina, é preciso narrar para preservar o que as máquinas estavam destruindo.

De acordo com Maria Nazareth Soares Fonseca:

Escrever é a ferramenta utilizada para recompor o vasto painel de lembranças calçadas na ‘experiência da pobreza’, vivida por quem soube observar, com olhos atentos e condoidos, os becos de uma coletividade: bêbados, putas, malandros, muitas crianças vadias e mulheres sofridas. A menina de olhar atento retém as imagens que, mais tarde, já como mulher, irão compor o plano no qual as vidas subterrâneas emergem para expor sua experiência. (FONSECA, 2017, p. 193)

Neste sentido, a narrativa é essencial para preservar o passado, para dar vida a uma coletividade que vivia na pobreza. Conceição Evaristo, por meio de sua escrita, registra a experiência do pobre, traz à memória vidas aparentemente sem importância e enriquece o painel dos pobres na literatura brasileira. A autora obriga as pessoas a olharem para a favela, para as vidas de uma coletividade excluída do mundo. Aqui, narrar é testemunhar, e esse ato é essencial para preservar um mundo esfacelado e dilacerado pela pobreza, fome e exclusão. Testemunha-se também contra o esquecimento, para dar voz aos esquecidos da sociedade. Testemunha-se contra “o medo invisível que se apoderou de nós” (EVARISTO, 2017, p. 166).

Considerações finais

Ao longo deste artigo, tentou-se mostrar como a personagem Maria-Nova/Conceição Evaristo elabora o passado por meio do testemunho dos moradores da favela. Ela mesma, Maria-Nova, uma moradora da favela, é a primeira testemunha desse mundo em vias de desaparecimento. Ela tem necessidade de preservar o passado, de acolhê-lo em seu presente para que ele não desapareça.

É preciso ter coragem para enfrentar o passado, para elaborá-lo no presente, remexendo em dores antigas que poderiam estar caladas. Gagnebin, ao comentar os processos de memória coletiva, lembra o apelo de Freud:

Mas o que é instigante aqui é o apelo, tipicamente iluminista, de Freud para criar coragem – *Mut gefasst!*, já dizia Kant –, de enfrentar a doença, o passado, para esclarecê-los; para afinal, compreendê-los, mesmo que tal compreensão não passe por uma cadeia de argumentos lógicos e deduções meramente racionais. (2009, p. 105)

Enfrentar o passado é uma atitude de coragem. Para esclarecê-lo ou compreendê-lo é que Maria Nova narra a vida na favela. Pelos becos que surgem à sua frente, ou que desaparecem pela atividade exploradora da empresa imobiliária, a narradora vai reconstruindo as vidas por meio de seu testemunho, que não deixa a favela desaparecer da memória.

Desta maneira, *Becos da memória* também é uma narrativa testemunhal, pois recolhe as diversas falas da favela, dando sobrevida a elas, estendendo-as no tecido narrativo do discurso memorialístico. Pode-se entender Maria Nova com os termos de Jeanne Marie Gagnebin (2004): aquela que dá audição às vozes que precisam falar e têm a necessidade de compreender o que está acontecendo na favela. A narradora não volta as costas para os moradores dos becos, antes os escuta, aguentando firmemente seus relatos, fazendo-se testemunha de seu primeiro universo no mundo: a favela.

Ao final do romance, Maria-Nova descobre a arma com a qual lutar contra o esquecimento: “Um dia, agora ela sabia qual seria sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos” (EVARISTO, 2017, p. 177). Assim, dando vazão a todos esses sentimentos, vozes, murmúrios, gritos e até mesmo silêncios, é que se constrói o testemunho sobre a favela. Maria-Nova põe todos em evidência, tirando-os de sua marginalidade e passando-os para o centro do discurso da memória. No romance analisado, quem tem vez e voz são os esquecidos da terra.

Becos da memória é o registro de uma época que não deve ser esquecida. As diversas vozes que compõem o romance estão organizadas por Maria-Nova, e é ela quem dá sentido e voz às pessoas que foram apagadas pelo sistema capitalista baseado na exploração do homem. Em *Becos* vivem personagens que jamais serão olvidados, porque houve uma voz que ousou se levantar e narrar aquilo que poderia ser, aos olhos de muitos, algo desnecessário. É dessas ruínas que emerge a voz de Maria-Nova a elaborar o passado para que ele jamais caia no esquecimento.

Referências

- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas-SP, Editora da Unicamp, 2011.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- DERRIDA, Jacques. *A morada*. Trad. Silvina Rodrigues Lopes. Portugal: Vedaval, 2004.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. História, memória, testemunho. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (org.) *Memória e (res)sentimento*. 2. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004. p.83-91.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Posfácio: costurando uma colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. p. 191-198.
- ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.) *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

Recebido em: 21/06/2021; Aceito em: 21/08/2021.